

## O Mundo em Pintura

Chico Cunha é artista e professor, ministra aulas de pintura continuamente há vinte anos na Escola de Artes Visuais (EAV), onde também foi aluno e participou da emblemática mostra “Como Vai Você, Geração 80?”. Em sua primeira individual nas Cavalariças, “O Mundo em Pintura”, ele apresenta um conjunto de telas (quase todas realizadas nos últimos sete anos), que funcionam como uma espécie de teatro de imagens para a réplica do palacete do Parque Lage, também presente na exposição.

Essa reprodução, em escala, do prédio da Escola, remete aos castelinhos de areia feitos em praias e também à instalação “Castelos de Areia” (1995), do próprio artista. Igualmente é possível relacioná-la a “João e Maria” (2014), obra de Chico Cunha da qual fazia parte uma casa de doces, construção que se aproxima do universo infantil.

O Parque Lage – onde ficam as Cavalariças – está ligado à memória da cidade do Rio e sua história remonta ao Brasil Colonial. Desde que a escola ocupou o espaço, em 1975, ele foi palco de peças de teatro, cenas de filmes emblemáticos, shows de rock e exposições memoráveis. O palacete, imponente edificação que abriga a EAV, erguido no início do século XX, é réplica de um *palazzo romano*. Sua fachada tem pórtico saliente, totalmente revestido de cantaria, foi construído em torno da piscina e tem mármore, azulejos e ladrilhos importados da Itália. Para Chico Cunha – arquiteto de formação –, é uma Disneylândia arquitetônica, uma loucura operística.

A EAV sempre esteve presente em sua ação como artista, seja como lugar de formação ou como local de troca de experiências e de conhecimentos com outras pessoas: “A exposição foi pensada como um comentário sobre o espaço físico e, principalmente, o espaço abstrato que ela ocupa na minha existência”, diz o artista. Diversos trabalhos, em sua trajetória, retratam o palacete da Escola.

Segundo Chico Cunha, sua produção em tela lida com o figurativo, mas é abstrata, privilegiando a construção da imagem pintada. Ainda que de pequenas dimensões, as pinturas, nas quais as figuras humanas são reduzidas, têm espaços vastos, oníricos, amplos como o inconsciente. Há um jogo de escalas. A floresta em volta, ao mesmo tempo que encanta, amedronta pelo tamanho, pela vastidão.

Na exposição, em meio às pinturas – seu teatro de imagens –, está o castelo de areia, um mundo em miniatura. Podemos dizer que o palacete do Parque Lage é uma derivação tropical (fruto de uma mentalidade colonial ainda tão presente no Brasil), da qual Chico Cunha faz um novo simulacro, quase um comentário a respeito de ruínas supostamente civilizatórias: metáfora de uma fragilidade não apenas física do patrimônio brasileiro, mas igualmente do sistema cultural de nosso país.

Contar uma história fez parteda produção de Chico Cunha desde o seu início. Aqui, o artista vale-se de uma narrativa não linear. As pinturas e, conseqüentemente, as pessoas nelas representadas, circundam um palacete frágil, de areia. A construção poderia ser um refúgio seguro, todavia ela não foi feita para durar. Perene é somente a arte, um outro lugar movediço, mas que pode, eventualmente, reconfortar.

Como diria um velho pensador: “Tudo que era sólido se desmancha no ar. Tudo que era sagrado é profanado.”

André Sheik, setembro de 2022.